

A Estrada do
TABACO
ERSKINE CALDWELL

Tradução de Adolfo Casais Monteiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CAPÍTULO I

LOV BENSEY, a caminho de casa, com um saco de nabos às costas, calcorreava penosamente a areia profunda e branca da estrada do tabaco, que as enxurradas tinham enchido de covas. Tivera muito trabalho em encontrar aqueles nabos; fora uma caminhada longa e aborrecida, ir até Fuller e depois voltar.

No dia anterior, Lov tinha ouvido dizer que um homem estava a vender nabos naquele lugar, a meio dólar a rasa, de modo que partira de manhã cedo, com meio dólar na algibeira, para comprar alguns. Já andara uns doze quilómetros e faltavam mais dois e meio para chegar a sua casa, ao pé da mina de carvão.

Quatro ou cinco dos Lester estavam no pátio, a olhar para Lov, quando ele pôs o saco em terra e parou diante da casa. Tinham estado a olhar sempre para ele desde que aparecera no alto da duna, a perto de três quilómetros de distância. Agora, que o tinham realmente ao seu alcance, preparavam-se para o impedir de levar os nabos mais longe.

Lov tinha de sustentar a mulher, além dele próprio, e tomava precauções para não deixar que algum dos Lester se aproximasse muito do saco de nabos. Em geral, quando chegava às proximidades do sítio onde moravam os Lester, deixava a estrada um quilómetro antes e dava uma volta muito grande pelos campos; só tomava outra vez a estrada lá muito adiante, já fora de perigo. Mas nesse dia tinha de falar com Jeeter acerca de um assunto de grande urgência, e arriscara aproximar-se mais da casa do que em qualquer outra ocasião em que levasse nabos ou batatas-doces.

A mulher de Lov, Pearl, era a filha mais nova de Jeeter Lester. Tinha apenas doze anos no verão anterior, quando casara com ele.

Os Lester olhavam atentamente para Lov, que tinha ficado no meio da estrada. Deixara cair o saco dos ombros e segurava-o com toda a firmeza, apertando-o com as mãos logo abaixo da abertura. Ninguém no pátio mudara de posição durante os dez minutos decorridos. Agora era a Lov que competia dar o primeiro passo.

Se Lov fora a casa deles e estava ali parado, era porque tinha boas razões para o fazer; de outro modo, nem ao alcance da voz se teria aproximado. Queria falar com Jeeter acerca de Pearl.

Pearl recusava-se a abrir a boca. Não dizia qualquer palavra, por mais persuasivo que Lov procurasse ser, nem por mais zangado que estivesse; até se escondia de Lov quando ele vinha da mina de carvão, e, quando ele a encontrava, escapulia-se-lhe dos braços e corria a esconder-se no mato. Às vezes até ficava lá toda a noite, e só saía na manhã seguinte, quando Lov voltava para o trabalho. E, ainda por cima, Pearl nunca falava. Não porque não pudesse, mas apenas porque não queria. Em casa da família, antes de Lov casar com ela, conservava-se à parte dos outros Lester, e raramente abria a boca, de dia para dia. Somente a mãe, Ada, sabia conversar com ela, e, mesmo assim, Pearl limitava-se

a responder com as mais elementares fórmulas de negação e afirmação. Mas a própria Ada fora assim. Só começara a falar voluntariamente nos últimos dez anos. Antes disso, Jeeter tivera com ela a mesma maçada que Lov tinha agora com Pearl.

Lov fazia perguntas a Pearl, dava-lhe pontapés, atirava-lhe pedras e paus, fazia tudo o que lhe vinha à cabeça para a convencer a falar. Ela chorava muito, sobretudo quando ficava de facto magoada, mas Lov não considerava aquele choro como conversa. Queria que ela lhe perguntasse se lhe doíam as costas, quando iria cortar o cabelo, quando choveria outra vez. Mas Pearl nada dizia.

Lov queixara-se várias vezes a Jeeter destas suas dificuldades com Pearl, mas Jeeter não sabia explicar semelhante feitio. Era assim desde pequenina, dizia ele; também Ada nunca tinha querido falar até aos últimos anos. Durante quarenta anos, Jeeter não pudera vencer a resistência de Ada neste capítulo; só a fome o conseguira. A fome fizera-a dar à língua, e depois nunca mais pararam as lamentações. Jeeter não quis recomendar a Lov que não desse de comer a Pearl, porque sabia que ela iria pedir comida a qualquer parte e que lha dariam.

— Às vezes, até me parece que ela tem o diabo no corpo — dizia Lov de vez em quando. — Cá para mim, ela não tem religião nenhuma. Quando morrer, vai direitinha para o Inferno, está bem de ver.

— Ora, talvez não lhe agrade a vida de casada — insinuava Jeeter. — Talvez a não satisfaça o que tu lhe dás.

— Já fiz tudo quanto pude imaginar para ela ficar satisfeita. Todas as semanas, quando me dão a massa, vou a Fuller e compro-lhe qualquer coisa. Trago-lhe tabaco de mascar, mas ela não o quer. Trago-lhe um pedacito de pano de algodão, mas ela não o quer alinhar. Parece que deseja qualquer coisa, que não tenho nem lhe posso trazer. Quem pudesse saber o que quer... É uma criança tão bonita... aquelas tranças compridas que lhe caem pelas costas abaixo às vezes põem-me

doido. Não sei o que há de ser de mim. Preciso de Pearl como mulher, de uma forma que nem se pode imaginar.

— Talvez ela seja nova de mais para apreciar essas coisas — dizia Jeeter. — Ainda não está bem desenvolvida, como Ellie May, Lizzie Belle, Clara e outras raparigas. Pearl não passa ainda de uma criança. Nem sequer aspeto de mulher tem por enquanto.

— Se soubesse que havia de vir a ser como é, talvez não tivesse tanta vontade de casar com ela. Podia ter casado com outra mulher que quisesse casar comigo. Mas agora não quero que Pearl se vá embora. Estou acostumado a ela, e fazia-me falta não voltar a ver aquelas tranças compridas que lhe caem pelas costas abaixo. Fazem a gente sentir-se assim sozinho, não sei como é. Não há dúvida de que é uma linda rapariga, apesar de se portar assim.

Quando Lov voltara para casa, contara a Pearl o que Jeeter tinha dito, mas ela deixara-se ficar na cadeira sem fazer menção de responder. Depois disso, Lov não sabia o que havia de fazer. Mas daí em diante convencera-se de que ela era ainda uma criança. Durante os oito meses de casados, ela crescera uns oito ou nove centímetros e pesava agora mais sete quilos do que ao princípio. Ainda não chegava a pesar cinquenta quilos, embora ganhasse peso e altura de dia para dia.

Agora, Lov queria falar sobretudo a Jeeter acerca daquela mania que Pearl tinha de se recusar a dormir com ele. Sendo eles casados havia já perto de um ano, ela ainda dormia sozinha, como fazia desde o início. Dormia numa enxerga e não deixava Lov beijá-la nem tocar-lhe. Lov dizia-lhe que as vacas só prestavam depois de serem mães, e que, se casara com ela, era porque desejava beijá-la e acariciar-lhe as longas tranças de oiro; mas Pearl nem sequer dava sinais de o ouvir ou de compreender o que ele dizia. Já que não podia beijá-la nem falar com ela, Lov queria ao menos ver-lhe os olhos. Mas até esse prazer lhe fora negado; os seus pálidos olhos azuis

fixavam sempre outra direção, quando ele vinha pespegar-se diante dela.

Lov continuava no meio da estrada, a olhar para Jeeter e para os outros Lester que estavam no pátio. Esperavam que ele desse o primeiro passo; amigável ou hostil, não lhes importava, desde que houvesse nabos no saco.

Jeeter perguntava a si próprio onde teria Lov encontrado os nabos. Não lhe passava pela cabeça que Lov os tivesse comprado. Havia muito que Jeeter se tinha convencido de que a única maneira de obter comida era o roubo. Mas não lhe tinha sido possível localizar qualquer campo de nabos a dez quilómetros em redor. Tinha havido o dos Peabody, mas eles mantiveram toda a gente à distância, de espingarda em punho, e naquele ano nem tinham plantado nabos.

— Porque não vens ao pátio? Deixa a estrada do tabaco, Lov — disse Jeeter. — Não vale a pena ficares aí fora. Anda descansar.

Lov não respondeu, nem se mexeu. Discutia com os seus botões os riscos de entrar no pátio e a vantagem de os evitar ficando onde estava.

Algumas semanas antes, Lov pensara em pegar numas cordas e, à noite, atar Pearl com elas. Tentara tudo, menos a força, e estava resolvido a fazê-la comportar-se como ele entendia que era o dever de uma mulher. Era agora a altura de querer ouvir os conselhos de Jeeter, antes de levar por diante essa ideia. Pensava que Jeeter devia saber se a ideia era prática, pois tivera de lutar com Ada durante quase uma vida inteira. Sabia que Ada se tinha comportado como Pearl se comportava agora. Mas Jeeter nunca fora tratado como ele agora era, pois Ada dera-lhe dezassete filhos, ao passo que Pearl ainda nem tinha concebido o primeiro.

Se Jeeter dissesse que seria conveniente atar Pearl, então poria o projeto em prática. Jeeter sabia mais destas coisas do que ele, porque estava casado com Ada havia quarenta anos.

Lov esperava que Jeeter se oferecesse para ir com ele a sua casa, lá ao pé da mina, e o ajudasse a atar Pearl, pois esta debatia-se tão fortemente quando ele a queria agarrar que receava nada conseguir sem o auxílio de Jeeter.

Os Lester lá estavam agrupados no pátio e no alpendre da frente a ver o que Lov ia fazer. Naquele dia tinha havido, uma vez mais, muito pouco que comer em casa; uma sopa salgada, que Ada fizera fervendo alguns couratos de toucinho numa panela com água, e pão de semente, era tudo quanto havia para comer quando se sentaram à mesa. Mesmo assim, não chegara para todos e a velha avó fora empurrada para fora da cozinha quando lá tentara entrar.

Ellie May mantinha-se atrás de um azederaque, espreitando pelos lados do tronco para Lov. Movia a cabeça de um lado do tronco para o outro, de modo a atrair a atenção de Lov.

Ellie May e Dude eram os únicos filhos de Lester que ainda viviam em casa. Todos os outros tinham-se ido embora para se casarem. Alguns deles partiram com o maior à-vontade, como se fossem de passeio à mina, ver os comboios carregados. Quando não voltavam dentro de dois ou três dias, sabia-se que tinham deixado a casa.

Dude lançava uma bola de basebol, toda deformada, contra a parede da casa, e apanhava-a no ressalto. A bola deu na casa uma pancada que pareceu um trovão, fazendo ribombar as ripas desconjuntadas com uma vibração que a fazia balançar de um lado para o outro. O rapaz lançava e voltava a lançar a bola, que saltava sempre com infalível regularidade até onde ele estava, no extremo do pátio arenoso.

A casa tinha três quartos. Sustinha-se precariamente sobre delgadas lascas de rocha calcária, que tinham sido colocadas em pilha aos quatro ângulos. Tinham empilhado as pedras umas em cima das outras, e vigas e casa tinham sido pregadas juntamente. A facilidade e a simplicidade com que fora construída eram agora patentes. Ao centro, o teto ver-

gava; o alpendre da frente tinha-se separado da casa e estava agora trinta centímetros mais baixo do que a princípio; o telhado desprendia-se no centro, porque os barrotes que o sustentavam tinham sido colocados desastrosamente. A maioria das ripas apodrecera, e cada vendaval espalhava pedaços delas pelo pátio em todas as direções. Quando o telhado metia água, os Lester deslocavam-se de um canto para o outro, e pelos seus movimentos conseguiam defender-se da chuva. A casa nunca fora pintada.

Jeeter procurava consertar uma câmara de ar podre. Tinha dito que se alguma vez conseguisse manter de pé, ao mesmo tempo, todos os pneus do velho automóvel, levaria uma carga de madeira a Augusta para vender. Na cidade, os rachadores recebiam dois dólares por cada carga de pinho bem seco; mas aquela madeira negra que Jeeter procurava vender nunca lhe daria mais de cinquenta ou setenta e cinco cêntimos. Geralmente, quando de facto conseguia transportar uma carga até Augusta, nem de graça se via livre dela; parece que ninguém era tão parvo que comprasse aquela madeira mais dura do que um cano de ferro. As pessoas discutiam com Jeeter a sua teimosia em tentar vender o pau preto por lenha, e procuravam convencê-lo de que não tinha valor algum como combustível; mas Jeeter dizia querer limpar a terra dos carvalhinhos bravios, porque tencionava lavrá-la outra vez.

Entretanto, Lov dera mais alguns passos em direção ao pátio e sentara-se na estrada do tabaco, com os pés na valeta. Continuava a apertar com força a abertura do saco, amarrada com um pedaço de corda.

Ellie May continuava a espreitar por detrás do azederaque, tentando chamar a atenção de Lov. Sempre que ele olhava naquela direção, ela escondia logo a cabeça para ele não a ver.

— Que tens nesse maldito saco, Lov? — gritou Jeeter do outro lado do pátio. — Já te via ao longe com esse maldito saco às costas. Quem me dera saber o que tens lá dentro. Ouvi dizer que este ano há tipos que têm nabos.

Lov apertou ainda mais a abertura do saco, olhando sucessivamente para cada um dos Lester. Viu Ellie May a espreitá-lo por detrás do azederaque.

— Custou-te muito a encontrar o que trazes no saco, Lov? — perguntou Jeeter. — Parece que vens esbaforido.

— Quero dizer-lhe uma coisa, Jeeter, e é acerca de Pearl.

— Que se lembrou agora de fazer essa rapariga? Continua a portar-se mal?

— As mesmas coisas de sempre; simplesmente, estou já muito aborrecido com aquilo. Não acho graça à sua maneira de proceder. Não me consigo acostumar; e é cada vez pior. Todos os pretos fazem troça por ela me tratar assim.

— Pearl é tal e qual a mãe — disse Jeeter. — No seu tempo, a mãe fazia coisas bem estranhas...

— Sempre que a quero ter ao meu lado, foge e não volta quando a chamo. Ora, pergunto: por que diabo havia eu de me casar com uma mulher se não tiro nenhum proveito disso? Deus não quer que assim seja. Ele não quer que se trate assim um homem. Está bem quando uma mulher arrelia um homem até ele lhe fazer o que ela quer, mas não parece ser essa a ideia de Pearl. Não me está a arreliar, segundo o que ela entende, mas para mim o caso é que me arrelia. E agora nesta altura, sinto-me com vontade de ter uma mulher que não seja tão...

— Que tens nesse maldito saco, Lov? — perguntou Jeeter. — Tenho estado a ver-te há talvez mais de uma hora, desde que atravessaste aquela colina lá ao longe.

— Nabos, graças a Deus — respondeu Lov, olhando para as mulheres.

— Onde foste tu encontrar nabos?

— Gostava de saber, não?

— Pensava que talvez pudéssemos combinar um negócio-zinho, Lov, tu e eu. Eu podia descer a tua casa para dizer à Pearl que ela tem de dormir na cama contigo. Era aí que querias chegar, não era? Queres que ela durma na cama, não queres?

— Ela nunca dormiu na cama. Dorme todas as noites no chão, naquela maldita enxerga. Parece-me que podia conseguir que ela deixasse de fazer aquilo.

— Gostaria muito de a levar a fazer o que não faz. Quer dizer... se tu e eu pudéssemos fazer um negócio com esses nabos, Lov.

— Foi por isso que passei por aqui, para lhe falar de Pearl. Mas, ao mesmo tempo, não lhe vou dar os nabos. Tive de pagar cinquenta cêntimos por esta miséria que levo no saco e ir e voltar a pé ao outro lado de Fuller para os arranjar. É o pai de Pearl e devia fazê-la portar-se bem de borla. Ela não se importa nada com o que eu lhe digo.

— Meu Deus, Lov, todos os miseráveis nabos que eu semeiei este ano estão bichentos. Todos os meus nabos têm aqueles malditos vermes de tripas verdes. Para que é que Deus fez os bichos dos nabos? Parece-me que Ele fez as coisas bem duras e difíceis para um miserável como eu. Trabalhei o ano passado todo o outono a cavar um pedaço de terra para semear nabos, e ao chegar a altura de os arrancar e comer, vêm aqueles malditos vermes dos nabos com tripas verdes e furam-nos até ao centro. Deus fez as coisas bem duras e difíceis para os miseráveis. Mas eu não me queixo, Lov. Digo “o bom Senhor sabe o que se passa com os nabos”. Um dia dar-nos-á muitas riquezas, e então a gente pobre terá tudo o que quiser para comer e vestir. Não pode ir sempre de mal a pior como tem sido todos os anos depois da Grande Guerra. Deus há de acabar um dia destes com isso, e obrigará os ricos a dar aos pobres tudo o que lhes pertence. Deus há de acabar por nos tratar bem. Não vai deixar que tudo continue como agora. Mas é preciso não blasfemar quando não se tem que comer. Ele é capaz de mandar para o Inferno e para o Diabo quem teime em fazer isso.

Lov arrastou o saco de nabos para o outro lado da valeta e voltou a sentar-se. Jeeter pôs de lado a câmara de ar e ficou à espera.

CAPÍTULO II

LOV ABRIU o saco, escolheu um nabo grande, limpou-o com a mão e deu-lhe três dentadas seguidas. As mulheres Lester ficaram no pátio e no alpendre a ver Lov comer. Ellie May saiu de trás do azederaque e sentou-se no toco de um pinheiro, a pouca distância de Lov. Ada e a velha avó estavam no alpendre a olhar para o nabo de Lov, que ia ficando cada vez mais pequeno a cada dentada que lhe dava.

— Ora, se Pearl tivesse alguma semelhança com Ellie May, não fazia o que fiz — disse Lov. — Teria ficado com Ellie May logo de início se não fosse aquela cara. Mas sabia que não podia dormir tranquilo à noite com ela na cama, sabendo como aquilo parecia de dia. Pearl é bonita e um bom pedaço de mulher, mas o que não consigo é fazê-la deixar, à noite, aquela maldita enxerga no chão. Tem de vir lá abaixo e obrigar Pearl a fazer como deve, Jeeter. Estou casado com ela há quase um ano inteiro, e durante este tempo todo, valia o mesmo estar a tirar carvão da mina, noite e dia, sem ir para casa. Não é assim que deve ser. Um homem tem o direito de querer

partilhar a cama com a sua mulher. Nunca ouvi falar numa mulher que quisesse dormir todas as noites do ano no chão, sobre uma enxerga. Pearl tem esta mania esquisita.

— Meu Deus, Dude — disse Jeeter. — Não acabarás de lançar essa bola contra esta velha casa? Já fizeste cair quase todas as tábuas. Se não acabas com isso, o raio da casa qualquer dia vem abaixo.

Jeeter pegou outra vez na câmara de ar e procurou colar-lhe o remendo de borracha. O velho automóvel a que estava encostado era a última coisa que possuía. No ano anterior morrera a vaca, deixando-o apenas com o carro. Até então, era seu hábito gabar-se das suas posses, mas depois de perder a vaca, nem falava já no carro. Começara a pensar que era realmente pobre. Já nada havia para hipotecar, quando, todas as primaveras, via chegar a época de comprar sementes de algodão e adubo; recusaram-se a comprar o automóvel, no armazém do ferro-velho, em Augusta. Mas ainda tinha madeira para vender, isto é, o pau preto e rijo que crescia por detrás da casa. Procurava remendar a câmara de ar para qualquer dia daquela semana poder levar uma carga de madeira a Augusta. Ada disse que a farinha acabara de todo, e a carne também. Havia já alguns dias que se alimentavam de couratos de toucinho e quando eles se esgotassem, nada haveria para comer. Uma carga de pau preto renderia cinquenta cêntimos em Augusta. Quando morreu a vaca velha, Jeeter arrastou-a até às instalações de adubos químicos de Augusta, e recebeu dois dólares e vinte e cinco cêntimos por ela. Depois daquilo, não houve mais nada que vender senão pau preto.

— Deixa de atirar essa maldita bola contra as tábuas, Dude — disse ele. — Nunca fazes caso do que te digo. Isso não se faz ao velho paizinho, Dude. Devias ajudar-me em vez de me contrariar.

— Raios te partam, velho ressequido — disse Dude, lançando a bola contra a parede com toda a força e apanhando-a

quando estava quase a tocar no chão. — Ninguém te pediu nada.

A avó, mãe de Jeeter, procurou de gatas o velho saco de serapilheira por baixo do alpendre e atravessou a estrada do tabaco até ao bosque para apanhar lenha seca. Ninguém lhe prestava atenção.

Nunca se cortava madeira para o forno nem para a lareira; não a traziam sequer para casa; Jeeter não o queria fazer e não podia obrigar Dude a fazer um trabalho daqueles. A velha mãe Lester sabia que não havia comida para cozinhar e que era perder tempo ir à lenha e fazer lume na lareira; mas tinha fome e sempre esperava que Deus lhes havia de dar qualquer coisa se ela acendesse o lume à hora da comida. Saber que havia nabos no saco de Lov fez-lhe uma raiva de fome. Podia às vezes suportar a dor no estômago, quando sabia que não havia nada para comer, mas com Lov ali à frente, a tirar nabos do saco, não podia suportar a vista destas coisas, para comer, que ninguém lhe ia dar.

A coxear, atravessou a estrada e o antigo campo de algodão, que não era semeado nem cultivado havia seis ou sete anos. No início, tinham lá crescido giestas, mas agora, os rebentos torcidos e agudos de uma nova raça de carvalhos pretos começavam a cobrir o chão. Ela tropeçou e caiu várias vezes no caminho para o bosque, mas a sua roupa tinha-se rompido tantas vezes que os novos rasgões da saia e do casaco não se distinguiam dos antigos. O casaco e a saia que levava tinham-se feito em farrapos com as sarças e os espinhos, na mata, mas nunca lhe tinham comprado outra roupa. Coxeando por entre as giestas secas, parecia um espantalho, nos seus velhos trapos negros.

O vento de fevereiro assobiou pelas tiras de fazenda negra e fê-las dançar no ar, até parecer que ela se agitava violentamente num acesso de epilepsia. Tinha feito uma espécie de meias em volta das pernas de alguns dos trapos mais compridos, atando-lhes as pontas. Os sapatos eram pedaços de ar-

reios de cavalo cortados em quadrados e atados com fios em volta dos pés. Ia à lenha de manhã, à tarde e à noite; sempre que voltava a casa, fazia fogo na lareira e sentava-se à espera.

Ada passou o palito para o outro canto da boca e olhou com ânsia para Lov e para o saco de nabos que ele tinha. Segurava no peito o folgado vestido de pano de algodão para se defender do vento fresco de fevereiro, que soprava debaixo do teto do alpendre. Todos os outros estavam ao sol, sentados ou em pé.

Ellie May desceu do toco do pinheiro e sentou-se no chão. Foi-se aproximando a pouco e pouco de Lov, deslizando pela areia dura e branca.

— Não queres fazer um negócio com esses nabos? — perguntou Jeeter a Lov. — Preciso tanto deles... como só Deus sabe!

— Não negoceio os nabos com ninguém — disse ele.

— Ora, Lov, isso não é maneira de falar. Não como um bom nabo desde a primavera do ano passado. Todos os que tenho comido têm aqueles malditos vermes de tripas verdes. Gostava bem de comer agora nabos bons. Os bichos não prestam para gente.

— Vá a Fuller e compre-os, então — disse ele, a comer o último bocado do quarto nabo. — Eu fui lá comprar estes.

— Escuta, Lov, não tenho sido sempre amável contigo? Não se fala assim. Bem sabes que não tenho cinco réis nem sei onde ir buscar dinheiro. Tu tens um bom emprego e ganhas um dinheirão. Deves fazer um negócio comigo, para eu ter alguma coisa para comer e não morrer de fome. Não queres estar aí sentado a ver-me morrer de fome, pois não, Lov?

— Não me dão mais de um dólar por dia na mina. A renda da casa, a comida e o resto levam-me quase tudo.

— Pois sim, Lov. Não tenho cinco réis e tu tens alguma coisa.

— Não tenho culpa disso. O Senhor tem o mesmo respei-

to a todos, segundo dizem. Ele dá-me o que é meu, e se não se lembra de si, é com Ele que tem de se entender. O cuidado não é meu, tenho cá os meus e muitos para me preocupar. A Pearl nunca...

— Não queres parar de atirar essa maldita bola contra a casa, Dude? — gritou Jeeter. — Esse barulho quase me faz a cabeça em pedaços.

Dude arremessou a bola com toda a sua força contra as tábuas soltas. Caíram por todo o pátio lascas de pinho e bocados de madeira carunchosa tombaram ao pé da casa. Dude parecia lançar a bola cada vez com mais energia, e muitas vezes pouco faltava para atravessar as franzinas paredes da casa.

— Porque não vais roubar um saco de nabos a qualquer parte? — disse Dude. — Já não prestas para outra coisa. Sentas-te aqui e passas o tempo a queixar-te de que não tens nada para comer, quando podias ir roubá-lo. Porque não o fazes? Pensas que Deus vai deitar-te nabos do Céu abaixo? Não tem tempo para perder com as tuas tolices. Se não fosse essa maldita preguiça que tens, ias fazer qualquer coisa em vez de andares sempre a queixar-te.

— Todos os meus filhos acham que sou eu quem tem culpa de Deus me ter deixado na miséria, Lov — disse Jeeter. — Eles e a mãe andam a queixar-se de mim a toda a hora, porque nada temos para comer. Que culpa tive eu disso? A culpa não foi minha se aquele capitão John deixou de nos dar víveres e tabaco. A culpa é dele, Lov. Trabalhei toda a vida para o capitão John. Trabalhei mais do que quatro daqueles pretos que ele tinha nos seus campos; e depois aconteceu-me que ele veio para cá dizer que não podia deixar-me receber mais víveres e tabaco no armazém. Depois vende as mulas todas e vai viver para Augusta. Não posso ganhar dinheiro porque ninguém tem trabalho para dar. Ninguém quer trabalhadores para os campos de algodão. Não há trabalho pago que eu possa fazer. Não posso ter uma colheita mi-

nha porque não tenho mulas e, além disso, ninguém me dá crédito para comprar sementes de algodão e adubo. Assim, não posso ter tabaco nem víveres senão de tempos a tempos, quando posso ir levar uma carga de madeira a Augusta. O capitão John disse aos comerciantes de Fuller que não me dessem mais tabaco nem víveres por conta dele, e eu não sei onde hei de comprar qualquer coisa. Faria uma colheita minha nestas terras se houvesse alguém para me assinar as requisições de adubo, mas também não há quem o queira fazer. Isso é que eu queria, oh, se queria! Quando acaba o inverno e chega a altura de queimar a giesta dos campos e a urze do bosque, até me dá vontade de chorar. O cheiro do fumo que me vem daquela mata, nesta época do ano, quase dá comigo em doido. Depois, dentro em pouco, os outros cultivadores começam a lavar. Isso é o que me enche mais de raiva. Quando o cheiro daquela terra fresca revolvida pelos arados me sobe pelas narinas, fico muito fraco e trémulo. Tenho isso no sangue — queimar a giesta e lavar a terra nesta época do ano. Fiz isso durante quase cinquenta anos e o meu pai e o meu avô foram como eu. Nós, os Lester, não há dúvida de que gostamos de revolver a terra e fazê-la produzir. Não posso ir-me embora para as fábricas de algodão, como os outros. A terra tem-me agarrado a ela.

» Também esta turba de mulheres e de filhos estão sempre a berrar por tabaco e por comida. Não querem saber se eu tenho ou não com que os comprar, querem-nos na mesma. Parece-me, Lov, que tenho de esperar até Nosso Senhor no-los dar. Dizem que Ele olha pelas suas criaturas, e eu espero que me preste alguma atenção. Calculo que não haverá ninguém, daqui até Augusta, que esteja tão mal como eu. E na outra direção também, entre aqui e McCoy. Parece que todos têm bens e crédito, menos eu. Não sei porque será, pois dou sempre ao Senhor o que Lhe é devido. Ele e eu estamos sempre nas melhores relações possíveis. Está na altura

de Ele reparar nas dificuldades que tenho. Não sei que mais hei de fazer senão esperar que Ele repare em mim. Não, não servia para nada pedir tabaco e víveres, porque ninguém mos dava. Procurei em toda a parte cá na terra e ninguém quer saber dos meus pedidos. Dizem que também não têm nada, mas eu não posso compreender como isso seja. Não parece que toda a gente deva estar na miséria, só porque vivem dos campos em vez de irem para as fábricas. Se pequei, não sei em quê. Não me lembro de ter feito nenhum pecado assim tão grande. Não costumava ser como é agora, em todo o caso. Recordo-me de que há bem pouco tempo todos os comerciantes de Fuller se sentiam felizes em abrir-me crédito. Nesse tempo também eu tinha sempre muito dinheiro para gastar. O algodão vendia-se a trinta cêntimos a libra, e ninguém vinha exigir o pagamento de dívidas. Depois, de um momento para o outro, os comerciantes de Fuller não me deixaram trazer mais nada sem pagar, e não tardou que o corregeador me viesse tirar quase todos os bens que eu tinha. Tirou-me tudo, menos aquele velho automóvel e a vaca. Disse que a vaca não prestava, porque já não dava mais crias, e que os pneus do automóvel estavam todos gastos.

» E agora não posso ter crédito nem ir trabalhar para os outros, porque ninguém quer cultivadores de algodão. Se Nosso Senhor não se apressa a auxiliar-me, será tarde de mais para me valer nas minhas dificuldades.

Jeeter fez uma pausa para ver se Lov o estava a escutar. Lov tinha a cabeça voltada noutra direção. Agora olhava para Ellie May. Por fim ela sempre conseguira que ele lhe prestasse atenção.

Ellie May chegava-se cada vez mais para Lov. Movia-se ao longo do pátio, erguendo-se primeiro sobre as mãos e os pés, e deslizando depois pela areia branca e dura. Sorria para Lov e tentava chamar-lhe a atenção. Não podia esperar que ele fosse ter com ela, de maneira que ia ela ter com ele. A fenda

do lábio superior deixava ver os dentes de cima, e parecia até que tal lábio lhe faltava. Em geral, os homens não queriam nada com Ellie May; mas ela já tinha dezoito anos e começava a descobrir que devia ser-lhe possível ter um homem, apesar do seu aspeto.

— Ellie May está como o teu cão velho quando tinha sarna — disse Dude a Jeeter. — Olha como ela roça o traseiro pela areia. Até parece que rosna como ele. Parece um porquinho a grunhir, não parece?

— Com mil diabos, Lov, quero comer alguns nabos bons — disse Jeeter. — Desde o princípio do inverno que não como senão farinha e porco salgado e tenho uma vontade extraordinária de nabos. Todos os que criei têm aqueles malditos vermes de tripas verdes. Onde foste dar com esses nabos, Lov? Talvez pudéssemos fazer qualquer negociozinho. Sempre te tratei muito bem. Devias dar-mos visto que não tenho nenhuns. Vou a tua casa amanhã de manhã sem falta e direi à Pearl que tem de se deixar de tolices. É uma vergonha uma rapariga comportar-se como ela. Vou dizer-lhe que tem de respeitar os teus direitos sobre ela. Nunca ouvi falar numa maldita rapariga que dormisse numa enxerga, no chão, quando o marido tem uma cama para ela, nunca. Pearl não continuará a proceder assim depois de eu falar com ela. Isso não se faz a um homem, depois de ele ter tido a maçada de se casar. Está na hora de ela o saber também. Vou lá amanhã de manhã, antes de mais nada, e digo-lhe que vá para a tua cama.

Agora Lov não prestava a Jeeter a menor atenção. Olhava para Ellie May, que deslizava pelo pátio na sua direção. Quando ela se aproximou mais, ele meteu a mão no saco, tirou outro nabo e desatou a comê-lo com grandes dentadas. Desta vez nem se deu ao trabalho de o limpar da terra.

Ada tornou a passar o palito para o outro canto da boca e ficou a olhar para Ellie May e Lov.

Dude também observava Ellie May.

— A Ellie May vai encher-se de areia se continua assim — disse Dude. — O teu cão velho nunca teimou em fazer aquilo durante tanto tempo. Nem grunhia sempre, como ela.

— Com mil diabos, Lov — disse Jeeter. — Quero nabos. Daqui até à noite, quase podia ingerir um saco deles.

CAPÍTULO III

OS PEDIDOS reiterados e insistentes de Jeeter cada vez produziam menos impressão em Lov. Nem dava conta de que alguém estivesse a falar com ele. Agora só se interessava por Ellie May.

— A Ellie May está a ter um trabalho dos diabos por causa do Lov, não está? — disse Dude, atijando Jeeter com o pé. — É capaz de romper alguma tripa se não tem cautela.

A câmara de ar, que Jeeter procurava remendar mais uma vez, estava quase a cair aos pedaços. Os próprios pneus estavam mais do que puídos. E o *Ford*, que então completava catorze anos de vida, não parecia capaz de se manter de pé o tempo suficiente para Jeeter pôr outra vez o pneu na roda, e muito menos até o carregarem de madeira para uma corrida a Augusta. A capota do automóvel desaparecera havia sete ou oito anos, e o único guarda-lamas que restava estava preso ao resto com arames. Todas as molas e a crinolina tinham desaparecido; os pequenos tinham desarmado os assentos para ver o que havia lá dentro, e ninguém se tinha dado ao trabalho de os pôr outra vez no lugar.

A aparência do automóvel não melhorara com a queda do radiador na estrada, havia alguns anos. No lugar dele, uma lata de toucinho ferrugenta, com uma abertura no fundo, estava fixada com arame em cima do motor. A lata do toucinho não conseguia substituir o radiador, mas era melhor do que não ter lá nada. Quando Jeeter se preparava para ir a qualquer parte, enchia a lata, saltava para o carro e ia andando até a água ter salpicado toda e o motor parar por causa do calor. Então ia procurar onde encher outra vez a lata. Todo o resto do automóvel estava em conformidade com isto. As galinhas empoleiravam-se nele, enquanto em casa dos Lester houve galinhas, e o carro estava malhado como uma franga pedrês. Agora, que já não havia por ali galinhas, ninguém se tinha dado à maçada de o lavar. Nunca passara pela cabeça de Jeeter fazer semelhante coisa, nem pela dos outros.

Ellie May arrastara-se desde um extremo do pátio até ao outro. Estava agora ao alcance de Lov, que continuava sentado junto do saco de nabos. Ela estava atrevida, como nunca, e Lov olhava para ela sem se importar com o lábio rachado. O lábio rachado de Ellie May tinha uma fenda de um quarto de polegada, que lhe dividia o lábio superior em duas partes desiguais; a fenda terminava quase debaixo da narina esquerda; a gengiva superior descia muito abaixo, e, como tinha sempre as gengivas muito vermelhas, a fenda do lábio dava a impressão de ela estar sempre a sangrar abundantemente da boca. Havia quinze anos que Jeeter dizia que ia mandar coser o lábio de Ellie May, mas ainda não dera um passo para o fazer.

Dude apanhou um pedaço de tabique apodrecido que se tinha despregado da casa e atirou com ele ao pai. Mas não tirou os olhos de Ellie nem de Lov. O que eles faziam e a atitude de Ellie May absorviam-no por completo.

— Que queres tu, Dude? — disse Jeeter. — Que tens, para estares a atirar com tábuas?

— Olha, a Ellie May quer brincadeira — respondeu Dude.

Jeeter lançou os olhos para o canto do pátio onde Lov e Ellie May estavam sentados, muito juntos. O tronco de um azederaque escondia-lhe em parte o que se passava, mas podia ver que ela se sentara e que ele lhe oferecia um nabo do saco que tinha ao lado.

— Ellie May quer brincadeira, não quer, paizinho? — disse Dude.

— Parece-me que me enganei casando a Pearl com Lov — disse Jeeter. — É que Pearl não foi feita para ser mulher de Lov. Não se interessa pelo que Lov quer, e está-se nas tintas para o que os outros possam dizer. Não era rapariga para ser mulher de Lov. É esquisita. Quer-me parecer que lhe apetecia ir para Augusta, como as outras. Nenhuma delas alguma vez gostou de viver aqui. Não são como eu, que aprecio mais a terra do que estar numa maldita fábrica de algodão. Lá não cheira a lume de ervas, e quando chega a altura de cavar a terra para plantar, sente-se mal cá dentro sem se saber o que se tem. Tenho ouvido falar naquela doença da primavera nas fábricas, não sei quantas vezes. Mas quando um homem fica na terra, não se sente nada assim nessa época do ano, porque se está aqui para se cheirar o fumo do mato queimado e sentir o vento que vem direito dos campos lavrados e que lhe entra até ao fundo do corpo. Assim, em vez de se sentir doente, sem saber o que tem no corpo, como acontece nas amaldiçoadas fábricas, aqui na terra um homem sente-se melhor do que nunca. A primavera não gosta de nos ver encafuados numa maldita fábrica de algodão. Ela sabe que temos de ficar na terra para nos sentirmos bem. Isto acontece porque foram os homens que fizeram as fábricas. Deus fez o campo, mas ninguém O viu nunca construir amaldiçoadas fábricas de algodão. É por isso que não caio na tolice de ir para lá como os outros. Fico onde Deus me deu um lugar.

— Ellie May está a agir como se fosse a mulher de Lov — disse Dude.

Ada fez cair o peso do corpo sobre o outro pé. Permanecia no mesmo lugar do alpendre em que estava quando Lov chegara ao pátio. Tinha estado a espreitar Lov e Ellie May durante muito tempo, sem dar atenção a mais nada.

— Talvez Deus assim o tenha querido — disse Jeeter. — Talvez Ele saiba mais disto do que nós, os mortais. Deus é alguém com juízo. Não há quem O engane! Ele cuida de pequenos pormenores em que os simples mortais nunca pensam. É por isso que não vou deixar o campo e ir para Augusta, viver numa maldita fábrica de algodão. Ele pôs-me aqui e nunca me disse para abalar e ir para lá. É por isso que me deixo estar no campo. Se eu fugisse e fosse para as fábricas, podia ser o diabo. Deus podia perder a cabeça por eu fazer isso e fazer-me morrer de repente. Ou podia obrigar-me a ficar lá até eu morrer de morte natural e perseguir-me a toda a hora com partidinhas diabólicas. É assim que Ele às vezes castiga. Deixa-nos andar, lentamente, e persegue-nos constantemente, até não termos outro desejo senão morrer e ir para debaixo da terra. É por isso que não me vou encafiar numa fábrica, como têm feito esses tipos à volta de Fuller. Partiram e todos eles sentem lá dentro uma grande dor por causa do campo, mas não podem voltar. Agora têm de ficar. Foi isso que lhes aconteceu por terem deixado a terra. Deus há de persegui-los até à morte.

— Vejam como vai aquela brincadeira da Ellie May! — disse Dude. — Aquilo é mesmo uma brincadeira a valer!

— Santo nome de Deus, Lov — gritou Jeeter. — Esses nabos também terão aqueles malditos vermes de tripas verdes como os meus? Desde a primavera passada que ando com vontade de comer uns bons nabos. Se o capitão John não tivesse vendido as mulas todas e deixado de me dar adubo a crédito, podia ter feito uma colheita enorme de nabos este

ano, mas quando vendeu as mulas e se mudou para Augusta, disse que não se ia arruinar deixando que os rendeiros comprassem adubo, em Fuller, com o seu crédito. Disse que já não havia razão para ter quintas, quer fossem de cinquenta charruas ou de uma só. Disse que podia tirar mais dinheiro da terra, sem charruas. E é por isso que nós já não temos tabaco nem víveres. A Ada diz que não pode passar sem mascar de vez em quando, porque isso como que engana a fome, e assim é, de facto. Sempre que vendo uma carga de madeira, compro aí uma dúzia de caixas de tabaco, ainda que não tenha dinheiro para comprar farinha nem carne, porque o tabaco é uma coisa de que um homem tem necessidade absoluta. Quando tenho uma dor aguda na barriga, basta-me meter na boca umas fibras de tabaco para não sentir fome durante todo o resto do dia. Não há como o tabaco para conservar a vida de um homem.

» Mas não podia cultivar nabos este ano. Não tinha mula e não tinha adubo. Oh, tive meia dúzia de míseros renques ali no campo, mas um homem não consegue produzir as terras se não tiver uma mula para lavrar. Uma enxada não serve senão para preparar a terra para o algodão e o trigo. Não vale a pena tentar fazer vir nabos com uma enxada. Parece-me que foi por isso que aqueles malditos vermes de tripas verdes entraram nos nabos. Eu não tinha mula para fazer a cultura. Por isso é que estavam todos cheios de vermes.

» Tens estado a prestar atenção ao que eu digo, Lov? Ainda não me respondeste acerca dos nabos. Até me dói a barriga de tanto me apetercerem nabos. Parece-me que gosto tanto de nabos como um preto de melancias. Não vejo qual seja a diferença entre as duas coisas. Os nabos são a melhor comida que eu conheço.

Lov não levantou a cabeça. Dizia qualquer coisa a Ellie May e escutava as respostas dela.

Lov sempre dissera a Jeeter que não queria nada com

Ellie May, por ela ter o beijo rachado. Na altura em que fez o contrato com Jeeter acerca de Pearl, disse que poderia pensar em ficar com a Ellie May, se Jeeter a levasse a Augusta e lhe mandasse coser a boca por um médico. Jeeter refletira muito sobre o assunto e decidira que mais valia Lov ficar com Pearl, porque o custo de coser o lábio seria provavelmente superior ao que ele ganharia com o negócio. Deixar Lov levar a Pearl só dava lucro a Jeeter. Lov tinha-lhe dado algumas mantas e quase um galão de petróleo, além de lhe entregar o salário de uma semana, que eram sete dólares. O dinheiro era o que mais interessava a Jeeter, mas precisava também muito das outras coisas.

Jeeter sempre tivera a intenção de levar Ellie May ao médico desde que ela completara os quatro anos, para que não houvesse obstáculos quando um homem viesse para casar com ela. Mas, primeiro por uma razão e depois por outra, Jeeter nunca o pudera fazer. Um dia havia de a levar; isso dizia a si próprio, sempre que tinha ocasião de pensar nisso.

Na altura em que Lov casara com Pearl, ele disse que gostava mais de Ellie May do que dela, mas que não queria uma mulher de beijo rachado. Sabia que os pretos haviam de fazer troça dele. Isto fora no verão passado; bastantes semanas antes de ele começar a gostar tanto de Pearl que fazia tudo quanto podia imaginar para conseguir que ela deixasse de dormir no chão. Os compridos caracóis loiros de Pearl, que lhe caíam pelas costas, e os olhos de um azul pálido davam volta à cabeça de Lov. Achava que não havia rapariga mais bela em parte alguma do mundo. E quanto a isso, nenhum homem que alguma vez tivesse visto Pearl se tinha ido embora sem pensar a mesma coisa. Teria sido impossível a Pearl vestir-se ou desfigurar-se de modo a tornar-se feia ou vulgar. De dia para dia, tornava-se mais bela.

Mas não fazia caso algum dos desejos de Lov. Pearl estava agora, se era possível, mais decidida do que nunca a fugir-lhe. E agora que Ellie May se arrastara pelo pátio fora, e estava

sentada nos seus joelhos, Lov só pensava em Ellie May. Exceto o lábio rachado, Ellie May era tão desejável como qualquer rapariga da região de dunas que rodeava Fuller. Lov tinha plena consciência disso. Tinha-as experimentado todas, brancas e pretas.

— Lov não está a pensar nos nabos — disse Dude em resposta ao pai. — Lov quer entender-se com Ellie May. Não se importa nada com a figura dela, neste momento. Não é beijá-la que ele pretende. Nem há perigo de que alguém a beije, mas isso não quer dizer que não haja quem queira divertir-se com ela. Ouvi falar os pretos acerca disso, não há muito, ali na estrada, junto da serração velha. Disseram que ela podia ter todos os homens que quisesse se tapasse a cara.

— Não queres parar de atirar essa bola contra a casa? — disse Jeeter, zangado. — Ainda acabas por deitar abaixo essa parede se não deixas de estar sempre a fazer isso, a toda a hora. Este barracão não se aguenta em pé muito mais tempo se continuas assim. Da maneira como atiras a bola, vai inclinar-se e vem abaixo um destes dias. Bem gostaria que tivesses mais juízo do que tens.

A velha avó voltou do campo a coxear, com o saco de ramos secos às costas. Arrastava os pés pela poeira espessa da estrada do tabaco, e pela areia dura do pátio, sem olhar para a direita nem para a esquerda. Junto ao último degrau da escada da frente, deixou cair a carga das costas e sentou-se para descansar um bocado antes de entrar na cozinha. As suas queixas foram mais insistentes do que de costume quando se pôs a esfregar as ilhargas. Sentada no último degrau, com os pés na areia e o peito quase a tocar os joelhos pontiagudos, parecia mais do que nunca um embrulho mal atado de trapos velhos. Não fazia caso da gente à sua volta, e ninguém tinha senão uma vaga consciência de ela ter ido a qualquer parte ou voltado. Se tivesse ido ao bosque e não voltasse, ninguém, durante vários dias, saberia que ela morrera.

Jeeter olhou para Lov disfarçadamente, enquanto procurava colar um novo remendo na câmara de ar. Observava que Lov estava a vários metros do saco de nabos, e esperava pacientemente que a distância fosse aumentando. Lov esquecera-se de quanto era importante a segurança dos nabos. Enquanto Ellie May continuasse a esguedelhar-lhe os cabelos, não se lembraria de que tinha nabos. Ela fizera-lhe esquecer tudo.

— Que te parece que eles irão fazer depois? — perguntou Dude. — Talvez Lov a leve para a casa do carvão e a tenha lá o dia todo.

Ada, que durante todo esse tempo estivera à sombra do alpendre, tão imóvel como se fosse um dos esteios, de repente apertou mais o vestido contra o peito. Ao sol, quase não se sentia o vento fresco de fevereiro, mas no alpendre, à sombra, penetrava até aos ossos. Ada estivera doente com pelagra durante anos, e dizia ter sempre frio, exceto no pino do verão.

— Parece-me que Lov se vai entender com ela — disse Dude. — Está a preparar-se para isso. Olha como ele se arrasta, parece um cavalo velho. Nunca se tinha chegado tanto a ela. Dizia que nunca se aproximaria de Ellie May, nem mesmo à distância de lhe tocar com um pau, por não gostar do aspeto da boca dela. Ma agora não se importa, pois não? Aposto que nem sabe que ela tem o lábio rachado. E se sabe, é o mesmo que nada.

Vários pretos passavam na estrada, a caminho de Fuller. Estavam a algumas centenas de metros quando viram os Lester e Lov no pátio, mas só quando já estavam quase em frente da casa, notaram o que Lov e Ellie May estavam a fazer do outro lado, perto do azederaque. Deixaram de rir e de falar e abrandaram o passo até quase pararem.

Dude gritou-lhes, chamando-os, mas nenhum lhe respondeu. Acabaram mesmo por parar e ficar a observar.

— Bons-dias, capitão Lov — disse um deles.

Lov não ouviu. Os Lester também não prestaram aten-

ção aos pretos. Os pretos que passavam pela casa tinham por costume olhar para os Lester, mas era raro que algum deles tivesse alguma coisa a dizer. Entre si, falavam e troçavam dos Lester; falavam aos outros brancos, e paravam junto às casas deles para conversar. Lov era um dos brancos com quem gostavam de falar.

Jeeter atarraxou o tubo da bomba na válvula e procurou encher a câmara de ar. A bomba estava enferrujada, o êmbolo torcido e o tubo tão fendido na base que o ar se escapava antes de ter uma oportunidade de chegar à válvula. Por aquele andar, Jeeter precisaria de uma semana para meter trinta litros de ar no pneu. Poderia entrar mais ar se tentasse metê-lo nos pneus, soprando.

— Dá-me a impressão que antes da próxima semana não me poderei aventurar a ir a Augusta com uma carga de madeira — disse ele. — Quem me dera uma mula! Podia levar lá uma carga quase todos os dias, se a tivesse. Da última vez que levei este automóvel a Augusta, todos os malditos pneus rebentaram antes de eu ter conseguido chegar lá e voltar. Creio que o melhor que tenho a fazer é enchê-los todos bem cheios de palha e ir com eles assim. Foi o que um homem me disse para fazer, e creio que, na verdade, ele tinha razão. Estas velhas câmaras de ar e estes pneus já não prestam para nada.

Os três pretos deram alguns passos na estrada e pararam outra vez. Ficaram à vista do pátio, para ver o que Lov iria fazer. Depois de verem que não lhes respondia, compreenderam que ele não queria que o incomodassem.

Dude tinha deitado a bola fora e aproximara-se mais de Ellie May e de Lov. Sentou-se no chão, perto deles, à espera do que se pudesse passar. Lov acabara de comer nabos e Ellie May só comera metade de um.

— Aqueles pretos não creem que Lov se atreva — disse Dude. — Disseram-me na serração que ninguém quereria nada com Ellie May. Parece-me que Lov pensa o mesmo.

CAPÍTULO IV

JEETER POUSOU cuidadosamente a bomba e deslizou, pé ante pé, até à esquina da casa. Parou e encostou-se às tábuas apodrecidas, à espera. De onde estava, podia ver tudo. Quando Jeeter olhava para a sua frente, Ellie May e Lov estavam perfeitamente visíveis; e se quisesse ver Ada, bastava-lhe voltar um pouco a cabeça, e via-a ali no alpendre. Nada mais tinha a fazer senão esperar. Lov afastava-se cada vez mais do saco.

Ada passou novamente o palito para o outro canto da boca. Estivera sempre a olhar para Lov e Ellie May, desde que eles tinham começado a olhar um para o outro, e quanto mais perto um do outro iam estando, mais calma ela ficava. Esperava, também, para pedir a Lov que obrigasse Pearl a vir vê-la dentro em breve. Pearl não voltara ali desde o dia em que casara.

Pearl era tão parecida com Ada, no aspeto e nos modos, que ninguém poderia deixar de as supor mãe e filha. Quando Pearl casara com Lov, Ada recomendara-lhe que fugisse e fosse para Augusta trabalhar nas fábricas. Contudo, Pearl não

tinha coragem de fugir sozinha. Tinha medo. Não sabia o que lhe aconteceria nas fábricas de algodão, e era jovem de mais para compreender as coisas que ouvira dizer acerca da vida ali. Embora tivesse de doze para treze anos, ainda tinha medo do escuro, e chorava até durante a maior parte da noite, enquanto jazia, a tremer, na sua enxerga colocada no chão. Lov dormia no mesmo quarto, as portas estavam fechadas, mas o rastejar da noite parecia dar-lhe um sentimento insuportável de estrangulamento. Nunca dissera a ninguém como temia as noites escuras, e ninguém sabia por que motivo ela chorava tanto. Lov pensou que aquilo era da cabeça. Dude não era muito esperto, assim como um ou dois dos outros filhos, e era natural ele pensar que Pearl sofresse do mesmo. Mas na realidade, Pearl era muito mais inteligente do que qualquer um dos Lester; e aquilo, tanto como os cabelos e os olhos, vinha-lhe do pai. Um homem que tinha passado por ali um dia e nunca mais voltara. Dissera a Ada que vinha da Carolina e ia para o Texas, e foi tudo quanto ela soube dele.

Contudo, ultimamente Pearl começava a perder o medo. Depois de oito meses passados em casa de Lov, tornava-se a pouco e pouco mais atrevida e até chegou a pensar em fugir um dia para Augusta. Não queria viver mais tempo nas dunas. A vista do pântano lamacento de Savannah, de um lado, e, do outro, da poeira negra do depósito de carvão, não era tão bonita como as coisas que ela tinha visto em Augusta. Estivera uma vez em Augusta com Jeeter e Ada, e vira com os seus próprios olhos as raparigas que riam descuidadas. Não sabia se trabalhavam nas fábricas de algodão, mas isso pouco lhe importava. Lá onde ela vivia, na estrada do tabaco, ninguém ria nunca. Lá onde ela vivia, as raparigas tinham de ir cortar o algodão no verão, colher-lo no outono, e partir madeira para o lume no inverno.

Jeeter endireitou-se e começou a caminhar lentamente pelo pátio. Erguia um pé, conservava-o no ar durante alguns segundos, antes de voltar a pousá-lo. Muitas vezes, espiara as-

sim os coelhos, nos bosques. Os coelhos estavam sentados na cavidade de qualquer tronco, ou no buraco de uma ravina, e Jeeter deslizava até junto deles tão silenciosamente que os bichos nunca sabiam como eram apanhados. Era assim que agora se aproximava de Lov.

Chegado ao meio do pátio, Jeeter arremessou-se de súbito, com tremenda rapidez, sobre o saco de nabos; foi num abrir e fechar de olhos. Podia ter esperado mais alguns momentos, e lançar mão dele com a mesma facilidade com que costumava apanhar coelhos; não havia agora tempo a perder, e nunca desejara apanhar coelhos como naquele momento desejava apoderar-se daqueles nabos.

Abraçou desesperadamente o saco, apertando-o tanto que o suco aquoso esguichou em todas as direções através da serapilheira frouxamente cosida. Esguichou-lhe para os olhos, quase cegando-o; mas tinha para Jeeter uma doçura muito maior até do que a da chuva no verão.

Ada deu um passo em frente e ficou a baloiçar-se, encostada a um dos pilares do alpendre; Dude pôs-se em pé de um salto e segurou-se ao azederaque.

Lov voltou-se, exatamente a tempo de ver Jeeter agarrar no saco e abraçá-lo. Ellie May procurava reter Lov onde estava, mas ele conseguiu fugir-lhe dos braços e precipitar-se para Jeeter e para os nabos. Ellie May voltou-se a tempo de lhe segurar brutalmente um pé no ar, e ele estatelou-se na terra dura.

Cada um dos Lester, sem dizer palavra, se preparava para uma ação sem demora concertada. Dude precipitou-se através do pátio para o pai; Ada desceu os degraus a correr, e a avó seguiu-a a uma pequena distância. Todos se congregaram, à espera, em volta de Jeeter e do saco. Ellie May continuava agarrada ao pé de Lov, puxando-o para si, cada vez que ele conseguia, esticando o corpo, ficar alguns centímetros mais perto de Jeeter. As pontas dos dedos de Lov nunca se aproximaram mais de um metro do saco.

— Não te menti acerca de Ellie May, pois não, paizinho?
— disse Dude. — Não tinha razão, paizinho?

— Cala-te, Dude — resmungou Ada. — Não vês que o pai não tem tempo para dizer nada!

Jeeter passou o queixo por cima do saco e olhou para Lov de frente. Os olhos de Lov, injetados, pareciam querer saltar-lhe da cara. Pensou nos doze quilómetros que andara naquela manhã, para ir até ao outro lado de Fuller e voltar, e o que via agora até lhe dava vontade de vomitar.

Ellie May fazia o possível para puxar Lov para onde estivera antes. Ele procurava libertar-se para proteger os nabos e afastar os Lester do saco. Acontecera aquilo mesmo de que tinha procurado livrar-se com tanto cuidado ao parar em frente da casa — e acontecera tão depressa que nem sabia o que pensar. É certo que isso fora antes de Ellie May se pôr a arrastar o traseiro descoberto pela areia do pátio, na sua direção. Via agora como tinha sido estúpido; perder assim a cabeça, e os nabos ainda por cima!

Os três pretos esticavam o pescoço para não perder nada da cena. Haviam contemplado Ellie May e Lov com crescente entusiasmo, até Jeeter se ter lançado subitamente sobre o saco, e agora procuravam adivinhar o que iria acontecer.

Ada e a avó tinham encontrado dois grossos paus e esforçaram-se por voltar Lov de costas, de modo que Ellie May o pudesse alcançar outra vez. Lov fazia quanto podia para proteger o saco, porque bem sabia que, se Jeeter conseguisse afastar-se dele vinte passos, quando o agarrasse, já os nabos estariam todos devorados. Jeeter era velho, mas podia correr como um coelho quando fosse preciso.

— Não tenhas medo de Ellie May, Lov — disse Ada. — Ellie May não te vai fazer mal. Está toda excitada, mas não tem o génio violento. Não te fará mal.

Ada dava-lhe repetidas vezes com o pau, impedindo-o de

escapar a Ellie May; espetava-lho nas costelas com quantas forças tinha, mordendo o lábio inferior.

— Aqueles pretos, parece que estão com vontade de vir ajudar Lov — disse Dude. — Se vêm para cá, atiro-lhes com uma pedra ao focinho. Eles não têm nada que ajudar Lov.

— Não pensam em vir cá — disse Ada. — Os pretos não são nenhuns tolos para se virem meter na vida dos brancos. Não se atreviam.

Os pretos não se aproximaram. Gostariam de ajudar Lov, porque eram amigos dele, mas interessava-lhes mais ver o que Ellie May iria fazer do que ajudá-lo a salvar os nabos.

Ellie May suava como um lavrador. Lov estava cheio de areia, que ela procurava limpar com a manga do vestido, para o prender outra vez. Lov fez um último e desesperado esforço para agarrar o saco, e conseguiu chegar quase meio metro mais perto, mas Ada deu-lhe tal pancada na cabeça que ele caiu prostrado no chão, dando um gemido surdo. Ellie May pôs-se em cima dele num salto; a excitação e a felina agilidade dela amedrontaram-no. Faltou-lhe a respiração, tal o ímpeto com que ela lhe caiu sobre a barriga desamparada; espetou-lhe os joelhos no corpo como os cascos de uma mula e Lov não podia respirar, com as dores agudas que sentia nos pulmões. Pertencia-lhe, sem remissão. Enquanto Ellie May o segurava, com os braços cravados no chão, Ada permanecia defronte dele, de pau no ar, pronta a bater-lhe na cabeça, se tentasse levantar-se outra vez ou voltar-se. A velha esperava do outro lado, brandindo o pau por cima da cabeça dela, com ar ameaçador. Murmurava palavras ininteligíveis, mas ninguém lhe prestava atenção.

— Terão estes nabos também aqueles malditos vermes de tripas verdes, Lov? — disse Jeeter. — Por Deus, Lov, se são bichentos, nem sei o que faça! Quase deixei de crer na religião. Estou tão farto de comer nabos bichentos! É uma vergonha que Deus deixe os malditos vermes de tripas verdes

fazerem buracos nos nabos. Nós, os pobres, ficamos sempre mal, quer-me parecer. Talvez Ele não queira que os homens comam nabos; talvez prefira que se deem aos porcos, mas não põe mais nada na terra, em vez deles. No inverno, a não ser os nabos, não nasce nada.

Ellie May e Lov rolaram por cima um do outro, uma porção de vezes; pareciam pulgões; quando pararam, Lov ficou por cima. Ada seguira-os através do pátio, e a avó também, e estavam prontas a dar com os paus na cabeça de Lov se ele mostrasse a menor veleidade de se levantar antes de Ellie May estar disposta a deixá-lo ir.

Enquanto os outros estavam neste canto afastado do pátio, Jeeter ergueu-se de repente, com o saco de nabos bem apertado de encontro ao estômago, e deitou a correr pela estrada do tabaco fora, em direção aos bosques que ficavam para lá do campo de algodão. Nem parou a olhar para trás, antes de estar a mais de quinhentos metros dali. Daí a nada, tinha desaparecido nos bosques.

Os pretos riam tanto que não se podiam ter de pé. Não se riam de Lov, era aos Lester que achavam tanta graça. O ar concentrado de Ada e a obstinação doida de Ellie May eram um espetáculo a que nenhum deles podia assistir sem desatar à gargalhada. Esperaram que todos se tranquilizassem, e depois seguiram lentamente pela estrada, a caminho de Fuller, falando sobre o que acabavam de ver no pátio dos Lester.

Ada e a avó não tardaram a regressar ao alpendre, e sentaram-se nos degraus para observar Ellie May e Lov. Já não havia perigo de que ele fugisse. Já nem sequer tentava erguer-se.

— Lov, quantas vezes é preciso deitar carvão todas as manhãs na máquina do comboio de mercadorias número 17? — perguntou Dude. — Tenho a impressão de que esses comboios de mercadorias levam duas vezes mais carvão do que os de passageiros. Os fogueiros passam a vida a atirar pazadas de

carvão para as cabanas dos pretos que ficam ao pé do caminho de ferro. Deve ser por isso que precisam de mais carvão do que os comboios de passageiros. Os comboios de passageiros vão mais depressa, e os fogueiros pretos não têm tempo para lançar carvão para as cabanas dos pretos. Tenho visto atirá-lo às pazadas diante das cabanas. Os diretores do caminho de ferro não sabem nada disso, pois não? Se soubessem, faziam os fogueiros acabar com aquilo. Deixam mais carvão pelos carris do que se queima nas máquinas dos comboios. É por isso que os pretos não precisam de gastar lenha. Gastam carvão do caminho de ferro.

Lov estava demasiado esfalfado para dizer qualquer coisa.

— Porque não queimas carvão na tua casa, em vez de lenha, Lov? Ninguém sabia. Eu não ia fazer queixa de ti, se quisesse fazer isso. É muito mais fácil do que rachar lenha todos os dias.

A mãe de Lester — a velha avó —, sentada ao lado do seu feixe de ramos secos, recomeçou a gemer e a esfregar as ilhargas com os punhos. Daí a pouco, levantou-se, pôs o feixe às costas, e entrou em casa, dirigindo-se para a cozinha. Acendeu o lume e sentou-se ao lado, à espera que os ramos se consumissem. Tinha a certeza que Jeeter não ia trazer nenhum nabo para ela comer. Ficaria no bosque e comeria os nabos todos. Enquanto esperava que o lume se extinguisse, foi ver o pote do tabaco na prateleira, mas continuava vazio. Havia quase oito dias que não tinha tabaco e Ada não lhe queria dizer onde estava escondido o pote cheio. Só tinha tabaco quando encontrava, por acaso, o pote escondido em qualquer parte, e tirava um bocado antes que alguém o pudesse evitar. Jeeter tinha-lhe batido mais de uma vez por causa disso, e tinha-lhe dito que a matava se tornasse a encontrá-la a roubar tabaco, mas havia momentos em que ela morreria contente se pudesse, ao menos uma vez, ter quanto tabaco quisesse.

— Porque será que os fogueiros não tocam mais vezes o apito, Lov? — perguntou Dude. — Quase nunca apitam. Se eu fosse fogueiro, havia de estar sempre a puxar a corda do apito. É quase tão bonito como o *klaxon* dos automóveis.

Dude ficou sentado no toco do pinheiro, até que Lov se levantou e atravessou o pátio, cambaleando, até à estrada do tabaco. Lov olhou para todos os lados, na esperança de ver Jeeter escondido ali perto. No entanto, tinha a certeza que Jeeter fora para o pinheiral, para lá do antigo campo de algodão, e sabia que seria perder tempo tentar encontrá-lo e apanhá-lo. Agora era tarde de mais para lhe deitar a mão.

Ellie May continuava no mesmo lugar, deitada de costas, no chão. O suor colara-lhe os cabelos, e o vestido de algodão cor-de-rosa, arregaçado até ao pescoço, parecia um travesseiro para ela descansar. A boca parecia rasgada; a gengiva superior inflamada era como uma ferida, dolorosa e sangrenta, sob a narina esquerda. O lábio rachado vibrava e todo o seu corpo tremia.

— Devias dar-me aquele fato-macaco quando já não te servir — disse Dude. — Que me lembre, nunca tive um fato-macaco novo. O paizinho diz que há de comprar um para mim e outro para ele, quando vender muita madeira, mas nunca me fio no que ele diz. Nunca mais vende a madeira; pelo menos, não vende mais de uma carga de uma vez. Diz cada mentira... Nunca ouvi tantas a ninguém. Parece-me que ele gosta mais de se deitar no chão do que carregar madeira para Augusta. Tem tanta preguiça que às vezes nem se levanta do chão quando cai. Tenho-o visto ficar estendido quase uma hora antes de se levantar. É o filho da mãe mais preguiçoso que conheço.

Lov foi até ao meio da estrada e parou, indeciso, de pernas abertas, para manter o equilíbrio. Inclina-se, ora para a frente, ora para trás, como um bêbado. Começou a sacudir a areia do fato e do cabelo. Tinha areia nos bolsos e nos sapatos, e até as orelhas estavam cheias dela.

— Quando compras um automóvel, Lov? — disse Dude.
— Fazes uma data de dinheiro no depósito. Devias comprar um carro grande, como aqueles que têm os ricaços de Augusta. Hei de ensinar-te a guiar. Eu percebo de automóveis. O velho *Ford* do paizinho já não tem ar de coisa nenhuma, mas quando era bom, eu andava nele até quase saltarem as rodas. Devias comprar um com um grande *klaxon*. Os apitos e os *klaxons* fazem um barulho bonito, não achas? Quando compras um automóvel?

Lov ficou espedado no meio da estrada durante quase um quarto de hora, olhando por cima das giestas amareladas e flexíveis para o bosque onde estava Jeeter. Quando se fartou de esperar e já não sabia o que havia de fazer, foi cambaleando pela estrada em direção ao depósito de carvão. Pearl estaria em casa quando ele chegasse, mas, logo que entrasse, fugiria pela porta de trás e só voltaria quando ele se fosse embora. Mesmo que não saísse do quarto à entrada dele, não olharia para ele, nem teria nada para lhe dizer. Ele poderia contemplar os longos cabelos doirados que lhe caíam pelas costas. Mais nada. Ela não o deixaria aproximar o necessário para ele a fitar nos olhos; se procurasse fazê-lo, era certo ela escapulir-se para o mato.

Ada e Dude ficaram a observá-lo até ele se perder de vista, por trás do topo da colina. Depois, voltaram as costas e observaram Ellie May.

Dude foi sentar-se no toco do pinheiro para observar as formigas vermelhas que corriam pela barriga e pelos seios da irmã. Os músculos das pernas e das costas dela tiveram ainda estremecimentos nervosos durante algum tempo. Lentamente, os estremecimentos foram decrescendo até pararem de todo, e ela ficou estendida, muito calma. Tinha a boca entreaberta, e o lábio superior parecia mais rasgado do que de costume. O suor secara-se-lhe na testa e nas faces, e manchas de areia estriavam a palidez da sua pele branca.

Dormiu quase uma hora, ao sol quente de fevereiro, e, quando despertou, tinha ainda o braço por cima da boca, como Dede lho pusera quando deixou o pátio para ir buscar alguns nabos, antes que o pai os comesse todos.

CAPÍTULO V

ESCONDIDO ENTRE as moitas, Jeeter começava a sentir remorsos. A cortina avermelhada de juncos, que tinha quatro pés de altura, não deixava verem-no da casa nem da estrada. A sua fome estava momentaneamente apaziguada, e tinha os bolsos cheios de nabos; mas a ideia que lentamente se ia formando de ter roubado o alimento do genro quebrava-o de corpo e alma. Não era a primeira vez que roubava comida, comida e tudo quanto lhe estava ao alcance da mão, mas sempre que roubava, lamentava, como agora, o que tinha feito, até ao momento de se dar conta de que, afinal, não era tão mal feito como isso. Às vezes bastavam-lhe alguns minutos para o constatar. Outras, precisava de dias e até de semanas para se convencer de que Deus lhe perdoara e não iria castigá-lo com demasiada severidade.

O som da voz de Dude, por trás dele, nos bosques, parecia-lhe a voz de Deus chamando-o para o castigar. Havia meia hora que Dude batia as moitas e o mato com um pau, na esperança de dar com Jeeter antes de ele ter comido os nabos todos.

Entre os apelos de Dude, reinava um grande silêncio nos

bosques, em volta de Jeeter, e este sentia-se cheio de pesar e de contrição. Limpou cuidadosamente a lâmina da faca que lhe servira para descascar os nabos e meteu-a ao bolso. Depois, ergueu-se de um salto e, saindo da moita, meteu-se no meio dos juncos. Podia ver o teto da casa e o cimo do azederaque, mas não percebia se Lov já teria ido para casa.

Dude viu-o, mal ele saiu da moita para se meter entre os juncos.

— Eh! Onde vais agora? — gritou-lhe Dude, correndo pelo campo fora para cortar o caminho ao pai.

Jeeter parou para dar tempo a Dude de o alcançar. Tirou do bolso meia dúzia dos nabos mais pequenos e pô-los nas mãos estendidas de Dude.

— Para que fugiste? Foi para poderes comer tudo sem nos dares nada? — perguntou Dude. — Não és só tu que gostas de nabos. Não comi mais do que tu esta semana. Às vezes, és mais torto do que uma serpente velha. Porque não querias que eu comesse nenhuns?

— Nosso Senhor não gosta que se roube — disse Jeeter. — Depois, Ele não quer saber da sorte de quem rouba. Eles que se arranjam no outro mundo. Agora tenho de fazer as pazes com Nosso Senhor e confessar as minhas faltas. Cometi hoje uma má ação. Deus não gosta que as suas criaturas façam coisas destas. Abandona os pecadores. E o roubo é o pior mal que se pode fazer, ou pouco menos.

— Estou farto de te ouvir dizer isso quando roubas qualquer coisa — disse Dude — mas as tuas resoluções nunca duram muito. O que queres é que eu fique sem nabos. A mim não me levas.

— Não é bonito falar assim de um homem que toda a sua vida se esforçou por estar em bons termos com Nosso Senhor. Nosso Senhor é um dos meus amigos e não gosta que falem de mim dessa maneira. Isso não são modos de falar, Dude. Quando ganharás tu juízo?

— Dá-me mais — disse Dude. — Escusas de estar a ver se me levas com essa conversa. Assim não arranjas nada. Quero lá saber dessas histórias! Desta vez não me deixo intrujar.

— Já tens cinco, não tens? — disse Jeeter, contando os nabos que lhe restavam. — Não precisas de mais.

Dude meteu a mão no bolso que estava mais ao seu alcance e tirou os nabos que conseguiu agarrar. Jeeter pôs-se a dar-lhe cotoveladas, mas Dude não fez caso. Jeeter não tinha força suficiente para lhe fazer mal.

— Não terás mais do que esses — disse Jeeter. — Fico com o resto para dar à Ada e à Ellie May. Quer-me parecer que elas devem ter tanta fome como eu. Devem estar à minha espera. Lov já se foi embora?

— Há um bom tempo que partiu para o depósito — disse Dude.

Dirigiram-se a casa, através dos juncos. Muito antes de terem chegado à estrada, já podiam ver Ada e Ellie May que os esperavam no pátio. Não se atrevendo a avançar mais, a avó aninhara-se no limiar da porta.

— Está-me a parecer que as mulheres também estão com fome — disse Dude. — A barriga de Ellie May esteve a protestar toda a noite. Foi o que me acordou esta manhã.

Ellie May e Ada sentaram-se nos degraus quando viram Dude e Jeeter. Esperaram pacientemente, enquanto Dude e Jeeter abriam caminho através dos juncos. Quando já estavam muito perto, Ada foi sentar-se num degrau um pouco mais acima. A avó estava acocorada no limiar, agarrada com ambas as mãos à ombreira da porta. Ninguém tinha mais fome do que ela.

Havia ainda outra mulher no alpendre. Baloçava-se numa cadeira de báscula, enquanto entoava um cântico com voz esganiçada. Quando chegava à nota mais alta que era capaz de dar, mantinha-se enquanto tinha fôlego. Depois recommençava.

Jeeter atravessou de um salto o fosso e aproximou-se, seguido por Dude. Mal viu a mulher que estava na cadeira de báscula, iluminou-se-lhe o rosto. E na pressa, quase caiu.

— Deus seja louvado! — exclamou ele, ao ver Bessie Rice sentada no alpendre. — Tinha a certeza que Deus me havia de mandar o Seu anjo para me lavar dos meus pecados. Irmã Bessie, por certo que o Senhor conhece quais são as minhas necessidades e quer que eu renuncie à minha vida de pecador, não é verdade?

Ada e Ellie May puxavam desesperadamente pelos bolsos de Jeeter para tirarem os poucos nabos que lá restavam. Jeeter atirou com três dos mais pequenos para o alpendre, na direção da porta. A avó atirou-se de joelhos e apertou-os de encontro ao peito com voracidade, e pôs-se depois a tasquinhá-los com as gengivas desdentadas.

— O Senhor disse-me para vir procurar os Lester — respondeu a evangelista. — Eu estava em casa, a varrer a cozinha, quando Ele me apareceu e me disse: “Irmã Bessie, Jeeter Lester está neste momento a fazer uma má ação. Vai a casa dele, reza por ele antes que seja tarde de mais, e procura fazê-lo renunciar aos seus maus costumes”. Eu então olhei para o Senhor bem de frente e disse-Lhe: “Senhor, Jeeter Lester é um grande pecador, mas hei de rezar por ele até o Diabo dar uma volta no Inferno”. Foi assim que eu Lhe disse, e aqui estou. Vim rezar por vós e pelos vossos, Jeeter Lester. Talvez não seja ainda demasiado tarde para que volteis a estar nas boas graças do Senhor. São as pessoas como vós que deviam ser boas, em vez de deixarem que o Diabo as arraste a fazerem maldades.

— Eu bem sabia que Nosso Senhor não me deixaria cair nas garras do demónio — berrou Jeeter, dançando à volta da cadeira de Bessie. — Eu sabia! Eu sabia! Deus esteve sempre ao meu lado, mesmo quando as coisas estavam pior, e bem sabia que Ele me tiraria do Inferno antes de ser tarde de mais.

Não sou pecador por natureza, Irmã Bessie. Simplesmente, sabe, é este velho Diabo que está sempre a espicaçar-me e me leva a fazer coisas que não estão certas. Mas não torno. Quero ir para o Céu quando morrer.

— Não me dá um nabo, Jeeter? — disse ela. — Não tenho comido muito nestes últimos tempos. A vida vai mal para os bons e para os maus, embora eu ache às vezes que não é lá muito justo. Os bons não deviam sofrer privações constantemente, como é justo que sofram os pecadores.

— Decerto, Bessie — disse Jeeter, dando-lhe alguns nabos, escolhidos dentre os maiores. — Bem sei que gosta de comer, quase tanto como nós. Bem gostava de lhe poder dar qualquer coisa que pudesse levar para casa. Quando eu era rico, dava ao Irmão Rice frangos e batata-doce às mãos-cheias. Agora, só tenho um punhado de nabinhos de nada, mas não tenho vergonha disso. Foi o Senhor que os fez crescer. O que Ele faz serve muito bem para mim. E para si também, não é verdade?

A Irmã Bessie desfazia-se em sorrisos de embevecimento para Jeeter e toda a família. Estava sempre contente quando podia rezar por um pecador e salvá-lo das garras do demónio, porque ela própria fora uma grande pecadora até ao dia em que o Irmão Rice a arrancara das mãos do Diabo e casara com ela. Mas, agora, o marido tinha morrido e ela continuava, através das dunas, a obra que ele empreendera.

Quando ele morrera, no verão passado, o seguro dera-lhe oitocentos dólares, e ela guardava-os para o dia em que lhe seriam precisos para continuar o seu trabalho de missionária. Tinha depositado o dinheiro no Banco, em Augusta.

Havia pessoas, nas dunas, para as quais a religião que a Irmã Bessie pregava estava longe de corresponder àquilo que Deus gostava de ver fazer e dizer aos que Lhe eram consagrados. Sempre que ouvia dizer isto, Bessie respondia que, no capítulo da religião, as pessoas não sabiam mais do que os evangelistas do sexo masculino que falavam dela. A maior

parte não pertencia a qualquer seita e os restantes eram todos batistas. E Bessie odiava tanto os batistas como o Diabo.

Bessie não tinha igreja para reunir os seus adeptos e nenhum grupo organizado a sustentava. Andava de porta em porta, nas dunas, sobretudo ao longo da altura por onde passava a velha estrada do tabaco, e rezava por aqueles que precisavam de orações e as desejavam. Tinha entre trinta e cinco e quarenta anos e, à exceção do nariz, o seu aspeto era muito melhor do que o da maior parte das mulheres das dunas.

O nariz de Bessie não conseguira desenvolver-se normalmente. Não tinha osso e, por consequência, carecia de cana. As narinas apresentavam-se de frente, e Dude dissera um dia que, quando olhava para o nariz de Bessie, tinha a impressão de estar a espreitar para uma espingarda de dois canos. Bessie era muito suscetível sobre este ponto, e procurava sempre evitar que as pessoas encarassem com ela e fizessem observações sobre o que viam.

Ada tinha já falado a Bessie dos nabos que Jeeter roubara a Lov. Bessie chegara na disposição de rezar pelos pecados de Jeeter em geral, mas ficara encantada por ter um pecado particular a que dedicar especialmente as suas orações. Estas produziam sempre mais efeito, dizia ela, quando se tinha cometido qualquer ação que nos envergonhava.

Mas nem por isso deixou de comer quantos nabos Jeeter lhe deu.

— Gostava que o Lov estivesse aqui para lhe poder pedir perdão — disse Jeeter. — Estou a ver que amanhã, antes de nascer o Sol, tenho de ir a casa dele para lhe dizer como estou arrependido. Oxalá ele não esteja tão zangado comigo que me receba com um pau na mão. O Lov tem um génio dos diabos quando se zanga a sério.

— Vamos fazer uma oraçãozinha — disse Bessie enquanto engolia o resto do último nabo.

— Bendito seja Deus — disse Jeeter. — Não calcula como

estou contente por ter vindo, Irmã Bessie, porque nunca precisei tanto de orações. Cometi hoje um pecado. O Senhor desampara os que cometem roubos. Não sei o que me fez tão mau. Se calhar, foi aquele velho Diabo que voltou a tomar conta de mim.

Todos se puseram de joelhos, com exceção de Ellie May e de Dude, que estavam sentados nos degraus e iam comendo, contemplando o que se passava.

— Sabe — disse Bessie, — há pessoas que não gostam de se ajoelhar e rezar ao ar livre. Não gostam que eu reze por elas nos seus pátios ou alpendres. Dizem assim: “Irmã Bessie, não poderíamos ir para dentro de casa, em vez de estarmos assim à vista de toda a gente? As orações valerão menos por isso?” E sabe o que eu lhes respondo? Digo-lhes assim: “Meus bem-amados irmãos, minhas bem-amadas irmãs, não tenho vergonha de estar a rezar assim diante de vós. Quero que toda a gente que passe na estrada veja que eu estou na graça do Senhor. Não tenho vergonha de as pessoas me verem rezar. É o demónio quem vem sempre sugerir para nos escondermos dentro das casas”. É assim que eu defendo o partido de Deus. Ajoelho-me e ponho-me a rezar mesmo a meio da estrada, tão alto como quando rezo numa escola ou numa reunião ao ar livre. Não tenho vergonha de pregar num pátio ou debaixo de um alpendre. É o demónio que leva as pessoas a irem meter-se dentro das casas.

— Bendito seja Deus! — proferiu Jeeter.

— Rezemos — disse ela.

Ada e Jeeter inclinaram a cabeça e cerraram os olhos. A avó Lester ajoelhou-se no limiar, mas ficou com os olhos abertos. Olhava em frente, para além do juncal.

— Meu Deus, aqui estou eu outra vez a oferecer-Te uma pequena oração por uns pobres pecadores. Jeeter Lester e a família querem que eu reze novamente por eles. Da última vez fez-lhes muito bem, e se não fosse Jeeter ter caído hoje

novamente nas garras do demónio, não precisariam tão cedo das minhas orações. Mas Jeeter deixou que o Diabo tomasse conta dele e caiu num grande pecado. Roubou os nabos todos de Lov e não lhos restituiu. Agora estão todos comidos e é tarde de mais para os tornar a dar a Lov. É por isso que estamos a rezar por Jeeter. Meu Deus, não o deixes roubar assim. Em toda a minha vida, nunca vi homem mais ladrão. Dir-se-ia que rouba tão naturalmente como outros bebem um copo de água. Mas Jeeter quer emendar-se; no entanto, mal acabamos de rezar por ele, parece-me que ele volta a reincidir. Não está certo que Tu deixes um homem voltar sempre a cair no mesmo pecado. Era preciso detê-lo, não o deixar reincidir. Tu não hás de querer que o demónio Te diga o que Tu deves fazer, pois não? Não é assim que o Senhor deve proceder. O Senhor é que deve dizer ao Diabo para se ir embora e deixar de tentar as boas pessoas.

» E também a irmã Ada está outra vez com a pleurisia. Devias fazer alguma coisa por ela, desta vez; da última, não produziu grande efeito. Ela não pode tratar do governo da casa enquanto estiver com uma pleurisia. Se a curares, por certo que se desviará para sempre do demónio, não é verdade, irmã Ada?

— Sim, por Deus!

— E a velha mãe de Lester tem uma dor num lado que nunca a deixa em paz. Ela está agora ajoelhada, mas sofre tanto que daqui a pouco já não o poderá fazer.

» Devias abençoar também Ellie May. Ela tem aquele beijo rachado que a torna desagradável ao olhar. Se Tu pudes-
ses...

— Não se esqueça de pedir também pela Pearl, Irmã Bessie — disse Jeeter. — A Pearl precisa que peçam por ela, por causa de uma coisa horrível.

— Que pecado terá cometido a Pearl, irmão Jeeter?

— Era disso precisamente que Lov queria falar hoje comi-

go. Diz ele que a Pearl não lhe quer falar e não o deixa chegar ao pé dela. Quando vem a noite, ela dorme numa enxerga, no chão, e Lov tem de passar a noite sozinho, sem que ela se interesse por ele. Não está certo que uma mulher faça coisas assim, e Nosso Senhor faria bem em acabar com aquelas maneiras. Lov tem os seus direitos. Não pode ser, uma mulher dormir assim numa enxerga, no chão.

— Ela lá saberá porque faz isso, irmão Jeeter — disse Bessie. — Talvez a Pearl esteja à espera de bebé e esta foi a forma que arranjou de contar ao irmão Lov.

— Não, não é nada disso, Irmã Bessie. O Lov disse que ainda não dormiu com ela. Nem sequer lhe tocou. É por causa disso que ele anda tão aborrecido. Queria que ela deixasse de dormir todas as noites naquele raio de enxerga. A Pearl precisa muito que se reze por ela, para deixar de dormir assim sozinha no chão.

— Irmão Jeeter, as meninas assim da idade da Pearl não sabem como nós, mulheres feitas. Por isso, se fosse eu a falar com ela, talvez isso a fizesse mudar de conduta. Quer-me parecer que sei melhor do que Ele o que seria preciso dizer-lhe, porque fui casada até ao verão passado, quando morreu o meu defunto marido. Nosso Senhor, não havia de saber o que lhe devia dizer...

— Isso talvez desse algum resultado; mas se eu fosse dos que sabem rezar, estou em crer que diria uma palavrinha a Nosso Senhor e talvez Ele a ajudasse, embora eu creia que não há por estes lados rapariga tão obstinada como a Pearl em não dormir na cama.

Dude tornou a agarrar na bola e pôs-se a atirá-la ao teto; quando ela caía no pátio, apanhava-a e voltava a lançá-la. A bola fazia cair as tábuas podres, que vinham desfazer-se no pátio. Ellie May esperava, sentada, que Bessie e Jeeter acabassem de falar acerca da Pearl, para ouvir mais orações.

— Talvez não fosse mau que eu falasse — disse Bessie.

— Pois claro — afirmou Jeeter. — Fale nisso ao Senhor. Os dois juntos devem conseguir alguma coisa.

— Agora, Senhor, tenho uma prece especial a fazer-Te. Só Te peço graças quando se trata de coisas que desejo muito, e desta vez é uma graça em favor de Pearl que Te peço. Queria que não a deixasses dormir numa enxerga, no chão, enquanto o irmão Lov é obrigado a dormir sozinho na cama. Ela não tem o direito de dormir no chão, numa enxerga, quando Lov tem uma cama à espera dela. Por isso, faz com que deixe de agir como até aqui. Fui sempre boa esposa para o meu defunto marido. Nunca dormi numa enxerga, no chão. A irmã Ada, aqui presente, também nunca fez tal coisa. E quando eu me casar outra vez, também não vou fazer isso. Portanto, diz à Pearl que deixe de se comportar daquela maneira. Pearl ainda não tem idade para saber isso. Não tens mais do que dizer-lhe que não continue a fazer tal coisa. Se fosse...

— O que é que estava a dizer a respeito de se casar outra vez, Irmã Bessie? — perguntou Jeeter. — Parece-me que lhe ouvi dizer que queria casar outra vez. Com quem vai casar?

— Bom, isso é uma coisa que ainda não está decidida. Tenho deitado as minhas vistas. Por agora, parece-me que ainda não sei o que faça. Gostava de encontrar um homem de posses, mas dir-se-ia que por aqui ninguém tem nada. Todos os homens são pobres.

— Eu, se não fosse a Ada... — disse Jeeter.

— Irmão Jeeter, cale-se lá com isso! — respondeu a Irmã Bessie. — Nem sei como fico de o ouvir falar assim! E, além disso, como sabe que me agradaria? Lembre-se de que já não é nenhuma criança, hum?

— Quer-me parecer que seria melhor acabarmos a nossa oração — disse ele. — Ada fica sempre irritada quando eu falo em casar-me com outra.

— Livra-nos do demónio e guarda-nos um lugar no Teu santo Paraíso. Ámen!